

**Instituto Sedes Sapientiæ**  
**Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas**  
**4º Ano**  
**Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana**  
**7º Ano**

**Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington**

Reflexões sobre a aula 5 – 07.04.2016

Nesta aula, reiteraremos a importância do Arquétipo Matriarcal e de sua posição insular (ilha) da polaridade Ego-Outro na Consciência.

O Arquétipo Matriarcal não se restringe à mãe. Ele está presente na psique da mãe e do pai, da mulher e do homem e sua essência é a sensualidade. Ele forma ilhas na Consciência, cercadas pelo mar (pela inconsciência), com símbolos e funções estruturantes que podem corresponder aos sentidos como a visão, a audição ou às emoções como o ciúme, a inveja, a agressividade, a afetividade e tantas outras quantas são os símbolos e funções estruturantes.

Na dinâmica matriarcal, a sensualidade aproxima muito o Ego do Outro, de tal forma que o Arquétipo Central pode expressar os polos das polaridades separadamente formando ilhas de sensualidade, quanto mais jovens formos. Isso torna o corpo muito mais proeminente que a mente e o inconsciente que o consciente. É comum as crianças expressarem a raiva num momento, numa ilha, e, logo depois, o afeto em outra ilha, normalmente. Uma criança de um ano de idade com fome, por exemplo, pode ficar muito frustrada e agressiva e até urrar de raiva. Depois de mamar ou tomar a mamadeira, porém, pode se tornar dócil e afetiva, sem parecer a mesma pessoa. É a intimidade entre o Ego e o Outro que permite essa formação de ilhas e de metáforas presentes em muitos contos de fadas, mitos, sonhos e sintomas, como por exemplo, delírios psicóticos.

Erich Fromm relata em seu livro sobre sonhos *A Linguagem Esquecida*, que um homem de meia idade havia sonhado que estava pegando fogo. Uma semana depois, ele teve um surto psicótico.

A energia psíquica é frequentemente representada pelos elementos, como a água e o fogo. Por isso, o afogamento e o incêndio são frequentemente a expressão metafórica da invasão da Consciência pela energia psíquica.

No filme de Ingmar Bergman *Através de um Espelho* vemos a jovem Karen, casada com um médico agnóstico, ter uma vida mística que a desestrutura e provoca um surto psicótico. Ela acabara de ter um envolvimento incestuoso com seu irmão mais jovem, que muito a mobilizou. Seu marido é um médico materialista e não a acompanha nas suas imaginações esotéricas. Ela pede a ele que se ajoelhe com ela, pois está prestes a ter uma visão de Deus. Ele o faz e, ao invocar Deus, ela vê uma grande aranha com expressão fria ameaçadora. A aranha tenta entrar no seu corpo e ela a repele, mas a aranha tenta, então, entrar no seu peito e ela entra em surto psicótico, necessitando ser medicada por seu marido.

Karen havia perdido sua mãe muito cedo e sofria de uma grave fixação por abandono no seu quaternio primário. Seu dom mediúnico e suas vivências esotéricas faziam-na sentir a presença de Deus e a busca da totalidade. Ao invocar Deus, junto com seu marido, no que podemos considerar uma imaginação ativa, ela mobiliza uma fixação em sua Sombra e tem uma alucinação e vê Deus sob a forma de uma aranha com um rosto frio e cruel. Ao sentir que ele quer penetrar dentro dela, isso pode significar a sexualização defensiva da psicose, representada pelo episódio incestuoso com seu irmão ou com a grave fixação que sofreu na sua infância. Ao fugir da aranha que vem entrar no seu peito, sua consciência é invadida por sua Sombra e ela entra num franco surto psicótico. Ao ser medicada por seu marido e recuperar o controle do seu Ego, ela afirma que viu Deus, ou seja, que teve uma vivência de totalidade.

O símbolo da aranha, com sua teia, forma uma grande mandala que expressa o Arquétipo Central e, também, o Arquétipo Matriarcal, que tem o aconchego e o acolhimento, mas, também, quando fixado e defensivo, prepara a armadilha que prende, mata e devora suas presas.

A busca mística da totalidade é sempre muito perigosa, pois, como sabemos, o Self engloba o Bem e o Mal. Assim, ao querer Deus, podemos encontrar sua Sombra, que é o demônio. Foi o que aconteceu com Karen. Ao invocar Deus, ela ativa a gravíssima fixação matriarcal, regride, seu Ego sofre uma possessão defensiva psicótica pelo Arquétipo Central e pelo Arquétipo Matriarcal. A frieza e a crueldade da face de Deus, que aqui representa o Diabo, correspondem ao sofrimento e à crueldade que ela teve durante a vivência de abandono que gerou sua fixação.

Não concordo com o conceito de que o inconsciente seja um lugar autônomo que gera fenômenos psíquicos. Na Psicologia Simbólica Junguiana, PSJ, **toda vivência psíquica ocorre junto com a polaridade consciente-inconsciente em maior ou menor grau. Consciente e inconsciente são características e não regiões.** O maior grau de inconsciência ocorre na posição indiferenciada coordenada pelo Arquétipo Central, no início de cada elaboração simbólica. A seguir, a consciência insular matriarcal forma ilhas unipolares de consciência, cercadas de inconsciência, assim como as ilhas geográficas são cercadas pelas águas do mar.

Desde o início da elaboração simbólica, **a função estruturante transcendente da imaginação começa a ver características nas coisas que ultrapassam sua literalidade. Inicia-se assim, a simbolização** que estrutura a consciência com a capacidade da metáfora. Devido à grande proximidade do Ego e do Outro na posição insular matriarcal, o Ego pode lançar mão de incontáveis significados para expressar as características de uma vivência. SÃO AS METÁFORAS.

No caso, Deus é uma expressão da totalidade, que para Karen é muito ameaçadora, pois traz uma grave fixação, que está na sua Sombra. Por isso, a vivência é expressa pela metáfora da aranha. Ao invocar o todo, com sua função estruturante mística, o Self de Karen confirma a gravidade da vivência e a fixação na Sombra expressa pela aranha que invade o seu Ego e desencadeia o surto psicótico. Ele é revertido quimicamente com a injeção de um anti-psicótico por seu médico.

Durante a elaboração simbólica pela posição polarizada patriarcal o Ego se relaciona com as polaridades bem constituídas. Ao invés de ilhas temos agora sistemas “em terra firme”. A capacidade de simbolização aumenta porque a organização patriarcal libera os símbolos das ilhas e relaciona as polaridades dentro do todo, ou seja, de forma sistêmica. A força da polarização da posição Ego-Outro impede a intimidade matriarcal Ego-Outro e a formação das ilhas e, com isso, organiza a atuação Ego-Outro em polaridades que resistem ao apego matriarcal e são muito mais abrangentes que este. Ao invés de termos uma ilha com a relação Ego-filho, temos uma polaridade formada pela relação Ego/criança bem comportada e Ego/criança mal comportada. Desta maneira amplia-se a elaboração da relação do Ego com a criança de maneira a se integrar o que é certo e o que é errado e se fazer um sistema pedagógico ético.

No caso de nossa espécie ter 200 mil anos, a posição insular matriarcal coordenou nossa relação com a natureza durante mais de 180 mil anos, como povos nômades, caçadores-coletores, dentro de uma perspectiva mágico-mítica. A superioridade da

posição organizadora patriarcal, que se tornou dominante com o assentamento dos povos iniciada aproximadamente há 12 mil anos atrás, teve um rendimento tão superior ao matriarcal que transformou o *homo sapiens* no agente da civilização. Isso se deveu à força de abstração patriarcal que desapega as simbioses da posição insular matriarcal.

No entanto, essa contenção da posição insular matriarcal pela posição polarizada patriarcal asfixiou muitas funções e símbolos estruturantes preciosos e formou uma grande Sombra. Foi a revelação da posição dialética de alteridade, há mais de 2.000 anos atrás, que começou a reintegrar a posição matriarcal junto à patriarcal para reequilibrar o Self Individual e Cultural com a elaboração e reintegração dos símbolos da Sombra patriarcal.

Desta maneira, temos que reformular a noção de progresso e de civilização oriunda do grande desenvolvimento patriarcal que dominou o Planeta. Esta ultrapassagem depende de uma função de sabedoria maior e menos formadora de Sombra, **que é o paradigma do Arquétipo da Alteridade**. Para tanto, é imprescindível reconhecermos a formação da Sombra tanto no paradigma matriarcal, quanto no patriarcal, na alteridade e na totalidade, sempre que ocorrem fixações. Esse é um dos grandes desafios do nosso curso. Uma das maneiras de fazê-lo é estudando as culturas tribais não industrializadas de dominância matriarcal, como a cultura dos Gagudju no norte da Austrália, o que faremos na aula de 5ª feira próxima.

Uma boa semana a todos,  
Byington

Agradeço aos que se lembraram de me enviar a foto e relembro aos colegas citados abaixo, que **enviem suas fotos digitalizadas, assim que for possível**:

**ALEXANDRE TORRES FERREIRA BRANDÃO**  
**CAMILA COSTA**  
**FRAND MOISES JARUFE MEZA**  
**HELENA RUBIO**  
**LUIS EDUARDO CURY DE MOURA**  
**MIRIAM DA CONCEICAO DE OLIVEIRA**  
**PATRICIA FERREIRA BARAO**